

2

EXPERIÊNCIA DE ENSINO EM FORMATO PODCAST: MOBILIDADES, TEMPORALIDADES E TERRITORIALIDADES POLÍTICO-AFETIVAS

*Sônia Caldas Pessoa*¹

*Camila Mantovani*²

*Phellipy Jácome*³

Sônia Pessoa: Inverno em Belo Horizonte, julho de 2021. Ainda enfrentávamos a fase aguda da pandemia de Covid-19, quando decidimos elaborar o conteúdo de uma aula para estudantes de pós-graduação em Comunicação Social da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG) em estilo podcast.

Aquele era o terceiro semestre do Ensino Remoto Emergencial (ERE), no qual as atividades acadêmicas curriculares aconteciam de modo síncrono, por meio de aplicativos que possibilitavam encontros

¹ Professora do Departamento de Comunicação Social (PPGCOM/UFMG), Bolsista Produtividade do CNPQ (Bolsa PQ); Bolsista Capes-Print como professora visitante no Institut Mines-Telecom (2023/2024). Co-Coordenadora do Afetos: Grupo de pesquisa em Comunicação, Acessibilidade e Vulnerabilidades; do Laboratório de Experimentações Sonoras (LES/FAFICH UFMG) e da Rádio Terceiro Andar (UFMG). Coordena o projeto Eu existo e me movo: experiências e mobilidade de pessoas com deficiência, que tem financiamento da Fapemig. soniacaldaspessoa@gmail.com.

² Professora do Departamento de Comunicação Social da UFMG e do Programa de Pós-graduação em Comunicação Social (PPGCOM/UFMG). É Jornalista (UFMG/2002) e Doutora em Ciência da Informação (UFMG/2011). Co-coordenadora do Afetos: Grupo de Pesquisa em Comunicação, Acessibilidade e Vulnerabilidades. Seus interesses de pesquisa abrangem: Comunicação Organizacional; Estudos de Usabilidade e Acessibilidade; Mobilidades; Mídias Móveis; Divulgação Científica; Corpo; Deficiência e Tecnologia. Atualmente, é coordenadora do Núcleo de Comunicação e Design e vice-diretora do Espaço do Conhecimento UFMG. camilam@ufmg.br

³ Professor do Departamento de Comunicação Social da Universidade Federal de Minas Gerais e Pesquisador Permanente do Programa de Pós-graduação em Comunicação (PPGCOM/UFMG) na linha de Textualidades Midiáticas. É coordenador do Temporona: Coletivo de Ações em Temporalidades e Narrativas e co-coordenador do Laboratório de Experimentações Sonoras (LES/FAFICH UFMG) e da Rádio Terceiro Andar (UFMG). Suas pesquisas são financiadas pela Capes, CNPq e Fapemig. phellipy@ufmg.br

virtuais. Estávamos saudosos dos encontros presenciais, do calor dos debates, da presença das reflexões, não aquelas dos ambientes digitais, mas as que se dão face a face e por meio das quais é possível literalmente mergulhar em um universo próprio de cada texto, cada fala, cada pensar, cada sujeito em pesquisa. Até a imagem da sala de aula física, com as carteiras dispostas em formato de círculo no qual nos reuníamos, estava sendo, aos poucos, esmaecida da nossa memória⁴...

A nossa inspiração para a proposição pedagógica desse encontro veio de um projeto que dividíamos com um outro colega, Bruno Souza Leal. Somos mães, pais e filhos do Teoria em Prosa: Saberes em Comunicação, um podcast que produzimos para a Rádio Terceiro Andar e UFMG Educativa, cujas edições podem ser ouvidas no Spotify. Além disso, decidimos transgredir: comumente o podcast é utilizado como uma das possibilidades de trabalho valendo nota para estudantes em disciplinas diversas. Ou ainda, em formato gravado ou ao vivo para transmissões em canais já estabelecidos e com público cativo. Optamos por nos lançar nesta aventura, de levar para a sala de aula o formato podcast, fazendo ao vivo, com participação da turma.

Para o encontro em questão, nós três discutimos o conteúdo e nos propusemos a conversar, sobre conceitos e abordagens metodológicas como se estivéssemos em uma transmissão ao vivo, sujeita a interrupções, comentários e questões que chegassem da turma ali presente. Esta era uma turma atípica já que contava com 23 estudantes de mestrado, doutorado e aqueles que faziam disciplina isolada. O quantitativo pode parecer reduzido, mas para os padrões de turmas de pós-graduação, trata-se de número bastante significativo.

⁴ Uma reflexão diversa sobre as experiências de ensino-aprendizagem durante a pandemia pode ser consultada em PESSOA, JÁCOME (2022).

Por isso, hoje, nosso desafio aqui, inspirados por muitas autoras e autores que trazemos sempre por perto, é dividir este espaço para prostrar sobre a experiência dessa aula remota. Alguns dos estudantes conhecemos rapidamente a voz, apenas, no primeiro dia de aula, quando cada um de nós se apresentou. Naquele 28 de julho de 2021, decidimos deixar o bate-papo escrito, ou chat, fechado enquanto dialogamos. Quisemos ouvir as vozes de cada estudante para que a sensação de que ali se constituiria presença, em oralidade, e, simultaneamente, fazendo reverberar as nossas vozes.

Para começar, buscamos no poema de Conceição Evaristo inspiração para nos lembrar que "Recordar" é preciso:

O mar vagueia onduloso sob os meus pensamentos

A memória bravia lança o leme:

Recordar é preciso.

O movimento vaivém nas águas-lembranças

Dos meus marejados olhos transborda-me a vida,

Salgando-me o rosto e o gosto.

Sou eternamente náufraga,

Mas os fundos oceanos não me amedrontam

E nem me imobilizam.

Uma paixão profunda é a boia que me emerge.

Sei que o mistério subsiste além das águas.

Embalados pelos processos de afetação que a pesquisa nos traz, nós queremos dividir com vocês algumas destas impressões, em diálogo com os textos que sugerimos para leitura. Para aquela oportunidade, nos parecia interessante recuperar uma tradução recém-lançada do livro *Vida e Palavras: A Violência e sua Descida ao Ordinário*, de Veena Das (2020). Decidimos discutir com mais detalhes as impressões deixadas

pelos capítulos 1 e 3, que tratam do “evento e cotidiano” e “linguagem e corpo”, respectivamente. A discussão sobre como juntar fragmentos de um mundo em catástrofe e dar sentido às vidas nos parecia ganhar novos contornos com as vivências da pandemia. Além disso, propusemos também a leitura da quarta parte do livro “A natureza do espaço: técnica e tempo, razão e emoção”, de Milton Santos (2006). Neste apartado específico, o autor brasileiro reivindicava a “Força do Local” para refletirmos como as dimensões espaciais e de mobilidade incidem fortemente na conformação de nossos cotidianos. Também vivíamos um momento em que muitas pessoas podiam realizar o “isolamento social” como medida de proteção ao coronavírus. Porém, uma porcentagem significativa da população, entre elas setores muito vulneráveis, não possuíam essa estratégia como viável, motivo pelo qual problematizar questões dessas “mobilidades estáticas” (propiciadas pelas plataformas digitais) e “mobilidades do medo” nos parecia instigante.

Para este encontro - que aqui buscamos recontar - pedimos aos estudantes que trouxessem para a aula um objeto que tivesse um significado especial, talvez por evocar um outro mundo permeado de encontros sem máscaras, sem distanciamentos, sem o medo o vírus, ou (e também) por trazer em si as presenças-ausências que nos lembram lugares, situações, pessoas.

Nossa intenção não era a de percorrer conceitos, mas estar em relação com a tessitura, a trama, permitindo certos sobrevoos, relações impertinentes, espontâneas, que nos possibilitassem avançar nas investigações e interpretações com os nossos próprios achados teóricos e metodológicos.

Camila Mantovani: Sônia, é possível inferir de que modo Veena Das pensa as relações entre afetos, experiências e testemunhos e como podemos estabelecer um diálogo com as chamadas Teorias dos Afetos?

Sônia Pessoa: Antes de refletir sobre o tema, gostaria de apresentar brevemente Veena Das para quem ainda não a conhece. Ela é uma antropóloga indiana, que nasceu em 1945. De acordo com a Enciclopédia de Antropologia da Universidade de São Paulo (USP), Veena veio de um contexto pobre em Lahore, que hoje é a capital da província de Punjab, no Paquistão. A partir dos 16 anos estudou na Universidade de Deli, na Índia, no curso de sânscrito, e concluiu mestrado e doutorado em Sociologia na mesma universidade. Após o doutorado, passou a se interessar por eventos políticos como a Partição da Índia e os tumultos que se seguiram ao assassinato da primeira-ministra Indira Gandhi, em 1984.

Aos poucos, descolou-se das narrativas históricas oficiais e a centralidade de suas pesquisas tem sido como o cotidiano de pessoas comuns é atravessado por grandes acontecimentos. Em "Vidas e palavras: a violência e sua descida ao ordinário", publicado em 2007, a autora apresenta reflexões etnográficas sobre as relações entre eventos históricos importantes e cotidiano, levando em consideração narrativas, silêncios e gestos. Veena Das explica, no capítulo 1 de Vidas e Palavras: A violência e sua descida ao ordinário, que concebeu o seu livro como um mapa, provocando uma ruptura na noção de uma cartografia que pensa em mapas e rotas que direcionam a uma chegada. A autora pensa em um percurso que promova um retorno. Se seguir adiante não é o objetivo de Veena, para usar as palavras da autora, a ideia é coligir palavras e pensamentos que forjaram as ligações entre elas e os interlocutores no campo. Parece-nos que elaborar um livro que

se pretende uma resposta aos interlocutores ou informantes, como são chamados em algumas pesquisas de inspiração etnográfica, ela estaria menos preocupada em tornar o trauma visível, e mais preocupada em se ancorar na perspectiva de estar em relação, uma relação que reconhece ser escorregadia, entre o coletivo e o individual, entre o gênero textual e o enredo individual dos casos narrados.

Para além desta escolha, Veena Das admite que precisou aprender a reconhecer as questões que se interpunham em dois grandes eventos na Índia - a Partição da Índia, de 1947, e o massacre dos sikhs em 1984, decorrente do assassinato de Indira Gandhi. como questões dela, que não estavam para ela simplesmente porque um manual as interpôs. Stanley Cavell, no prefácio do livro, diz que Veena Das deu uma guinada compulsiva em direção a um convívio mais íntimo com Wittgenstein.

Ludwig Wittgenstein (1889-1951), nasceu na Áustria e foi naturalizado britânico. Reconhecido como um dos principais nomes da virada linguística na filosofia do século XX, teve contribuições importantes em filosofia da linguagem, lógica e filosofia da mente, dando origem a reflexões sobre a filosofia da linguagem comum. Atuou como voluntário na linha de frente do exército austríaco na primeira guerra mundial e logo após ser libertado depois de um ano como preso dos italianos, escreveu o esboço de sua principal obra, resultado de seus debates com Russel, intitulada “Tratado Lógico-Filosófico”. Ao longo da vida, abriu mão da herança do pai, trabalhou como professor em uma escola infantil, e como jardineiro em um monastério. Retomou a filosofia aos poucos e a obra *Investigações Filosóficas*, publicada em 1953, após a sua morte, traz conceitos como os de compreensão, intenção, dor e vontade, e é uma releitura de obras anteriores, nas quais ele considerou que comentou alguns equívocos. A partir do diálogo com

Wittgenstein, Veena Das estaria pensando um outro humano, e o modo particular no estudo da dor, e nas reflexões sobre a morte e o luto, em especial sobre o luto de mulheres indianas. Dor que seria mais ou menos passível de repressão ou disfarce; e uma dor que, distanciando-se da alegria ou do riso, nos imputaria uma exigência moral para responder à sua expressão. Wittgenstein e Das reconheceriam uma preocupação com o outro.

Estou destacando estes pontos porque penso que a partir deles podemos fazer algumas inferências sobre o que Jean-Luc Moriceau chama de reflexividade, e que nós trazemos aqui a partir da leitura de Marques, Mendonça e Pessoa (2019), em diálogo com o autor (2020): “Não se trata de extrair uma representação mais rica dos acontecimentos experienciados, mas de aceitar mergulhar no concreto, no vivido, na porção parcial, local, específica, relacional e estética da experiência” (MARQUES, MENDONÇA, PESSOA, 2019, p. 13).

A pesquisa em dimensão afetiva requer um deslocamento de propostas nas quais estão pressupostos testes de teorias ou aplicações de metodologias pré-concebidas. Podemos seguir a trilha descrita por Moriceau, que nos conduz a três momentos de um estar em pesquisa: 1) a exposição; 2) o movimento; e 3) a reflexividade. Na exposição, quem pesquisa entra em contato com o campo, com temática, fenômenos, objetos e sujeitos que estão articulados com a pesquisa. É importante notar que não se trata de uma coleta de dados, mas de uma possibilidade de abertura da pessoa pesquisadora para ter um encontro e um acolhimento à própria pesquisa. O objetivo é menos representar, impor olhares, análises e métodos e mais se permitir manter vivos os processos de afetação que nos tomam em pesquisa. Aqui, tomamos consciência para o despertar de um campo no qual a pesquisa extrapola

a sistematização de teorias utilização de estudos de caso, por exemplo, para ilustrá-la. A nossa leitura é de que o campo impulsiona o movimento, no qual, vai ser preciso mudar o pensamento, encontrar novos diálogos teóricos, a posição da pessoa pesquisadora na investigação e, quem sabe, mudar a sua própria vida. Já o terceiro momento, o da reflexividade, está relacionado à construção do texto. A tessitura das narrativas, que deve ser respeitosa com todos os envolvidos na pesquisa, é também um questionar o método; é permitir-se performar, em texto, para dar vida aos achados do que se pesquisou e suas implicações e atravessamentos políticos e sociais.

Ainda na trilha de Moriceau, entendemos que dois movimentos são cruciais na pesquisa, ambos ancorados nos afetos. Se o contato mais direto, que chamamos de mergulho no vivido, nos coloca de frente com o relacional, os corpos e rostos, dos dramas e traumas, a experiência em si, é exigido da pessoa pesquisadora um gesto incessante de fugir às categorizações e se permitir se lançar, em proximidade, em contato, e modificar a experiência. E é justamente no reconhecimento da importância do afeto que encontramos os rastros do que é político, memorial, ético, imaginário e existencial.

No final do livro *Vida e Palavras*, mas não somente nesta parte, mas em várias outras, Veena Das vai negociando as cenas, os fragmentos, os testemunhos com as suas próprias sensações, descobertas e retornos, o que nos indica laivos de reflexividade, como quando ela relata que descobriu que a construção do *self* está localizada não na sombra de algum passado fantasmagórico, mas no contexto de tornar o cotidiano habitável, e sobre a inexistência de um sujeito coletivo unitário e a emergência de formas de habitar o mundo e de encontrar a própria voz dentro e fora dos gêneros que se tornam disponíveis nesta descida do

cotidiano. Ou quando ela sugere que a autocriação no registro do cotidiano é uma cuidadosa agregação da vida – um engajamento concreto com as tarefas de refazer que está consciente sobre o cotidiano e sobre a vida, a vitalidade do cotidiano e a tentativa de se forjar um sujeito ético dentro dessa cena do cotidiano.

Só para deixar claro, Veena Das não se propõe neste livro a dialogar com alguns autores que são considerados caros às reflexões sobre afetos e pesquisa científica, como Jean-Luc Moriceau, Kathleen Stewart, Patricia Cough, Baruch de Spinoza, Vladimir Safatle, entre outros. A nossa leitura e o modo como fomos afetados por seus escritos, testemunhos de si e do outro e fragmentos valorizados ao longo do texto, tudo isso nos faz tentar essa aproximação. Eu tenho muito medo quando estou dando uma aula e falando sobre algum autor e alguém diz assim: isso que tal autor pensou é exatamente o que fulano de tal escreveu. Sinto até calafrios, e morro de medo de injustiças teóricas. Nos lançamos na aproximação entre a filosofia dos afetos e a obra de Veena Das com cautela e respeito. E por isso, mantemos fidelidade a palavras e expressões usadas por ela, aqui trazidas em modo literal, mas para construções de sentido possíveis a partir do nosso diálogo.

Com a virada afetiva, reconhecida a partir do meio dos anos 1990, alguns pesquisadores passaram a perceber como o corpo age e se relaciona com outros, em uma relação de mútua afetação, que modifica o modo como enxergamos o mundo. Patricia Clough (2007) é categórica ao afirmar que este é o caminho a ser tomado para pessoas pesquisadoras que objetivam teorizar sobre o social. Parece-nos que esse é um passo presente no caminho de Veena Das.

Phellipy Jácome: Sônia, podemos conceber, a princípio, pelo menos duas categorias de testemunhos pensando a pesquisa científica

em dimensão afetiva. Um deles seria o testemunho da pesquisadora ou pesquisador e o outro seria o testemunho de interlocutores que colaboram com a pesquisa. Eles necessariamente dialogam? Estão sempre em relação? E o testemunho em silêncio?

Sônia Pessoa: Veena Das afirma que contribuições recentes à teoria do sujeito argumentam que a experiência de se tornar um sujeito está ligada à experiência de subjugação de maneiras significativas. As violações inscritas no corpo feminino (literal e figurativamente), segundo a autora, e as formações discursivas em torno dessas violações, como as consequências disso tornaram visível a imaginação da nação Indiana como uma nação masculina. As mulheres ancoraram seus discursos nos gêneros de luto e lamentação, que já lhes atribuíam um lugar no trabalho cultural do luto, mas falavam de violência e dor tanto dentro desses gêneros como fora deles. A autora considera que as mulheres deram voz e mostraram o que lhes foi feito a partir de transações complexas entre corpo e linguagem.

Trabalhar o testemunho de interlocutores que colaboram com a pesquisa nos exige uma série de reflexões. Para isso, é importante pensarmos que Veena Das se apoia no pensamento de Wittgenstein, e concebe a linguagem ampliada, em um universo que contempla muito mais do que a palavra, e pensa o gestual, a performatividade das narrativas, o olho que chora, o corpo que se ornamenta, o corpo que dança de alegria e no luto, e que amplifica uma frase, a fala velada, a estética dos gestos, a postura corporal e até o silêncio. Não falar sobre determinados aspectos de uma vivência, não mencionar determinados detalhes, evitar formular narrativas sobre a dor, coletivizar experiências silenciando a singularidade de determinadas pessoas, tudo isso é constitutivo da linguagem. A autora fala do olho como um órgão

que chora e não um órgão que vê diante do testemunho de um crime por exemplo, e os desafios de habitar o mundo ou habitá-lo novamente após uma situação que está na tessitura da descida à vida ordinária. De novo com Wittgenstein, Veena Das pensa o cotidiano como algo recuperado: o modo como toma para si tal espaço de destruição, não mediante uma ascensão à transcendência, mas mediante uma descida ao cotidiano, possibilidades de ver a criação de um sujeito de gênero, por exemplo, por meio do testemunho de uma mulher Indiana, no qual se transita entre o confronto com um conhecimento que é venoso e está no trabalho cotidiano da reparação. E ela lembra que ser vulnerável não é ser vítima. O testemunho não teria a função de apresentar um caso, como um exemplo de uma regra geral, ou uma exceção a ela, mas mostrar como formas emergem em experimentos com a vida, na autocriação espiritual.

A autora usa fragmentos de testemunhos repletos de palavras não plenamente declaradas, gestos performativos e um repertório de noções culturalmente densas que cercam os enunciados. Ela pensa os enunciados como entidades linguísticas que permanecem desencarnadas, chamando a atenção para a importância não apenas do contexto linguístico mas também do mundo da vida.

E aí, para trazer à cena um pouco mais de Conceição Evaristo, leio trecho de *A roda dos não ausentes*:

O nada e o não
Ausência alguma
Borda em mim o empecilho
Há tempos treino
O equilíbrio sobre
Esse alquebrado corpo

E se interia fui,
Cada pedaço que guardo de mim
Tem na memória outros pedaços...

A apresentação dos fragmentos e a indicação delicada da percepção da pesquisadora sobre o testemunho aparecem de modo cuidadoso no texto por meio do uso de sintagmas e expressões como "Minha impressão", "Eu estava curiosa", "Parece-me", "Pode parecer que"... entre outras... Chama a atenção a importância da empiria para Veena Das e das múltiplas narrativas em cada um das múltiplas vozes que ela escuta e por meio das quais ela própria se constitui como sujeito em pesquisa, como sempre pensamos que deve ser em pesquisas com afetos.

Há que se pensar aqui em testemunhos de pessoas pesquisadoras que estão articulados na tessitura do texto em diálogo com trabalhos de inspiração etnográfica e processos de afetação, como faz Alphonso Lingis, que narra as suas experiências em viagens que os impacta e os leva a pensar sobre questões sociais importantes. Uma boa referência para conhecer a filosofia do autor é consultar a obra "Alphonso Lingis Reader", editada por Tom Sparrow há pouco mais de 20 anos. Vem de Lingis, a inspiração para as transformações pelas quais passamos cada vez que entramos em uma conversa, uma disposição para sermos alterados ou esvaziados de nossas convicções, nossas expectativas, nossas memórias. Lingis (2000) nos diz que o mundo do trabalho e da racionalidade considera lixo humano os delinquentes, abandonados, senis, entre outros, impondo-nos uma ética que considera os humanos como fim e não como meio. Estaríamos diante de tentativas de nos permitir nos afetar pelos outros como sujeitos em pesquisa, mas também de nos permitir perceber como nossas escolhas e decisões

cotidianas são permeadas por sentimentos e emoções, os nossos e os delas, para além disso, estão em curso potentes processos de afetação. A manutenção de um corpo em um espaço está vinculada à forma e ao contorno do próprio corpo que, por sua vez, pode excluir outro. Os sentimentos, ao atrair os olhos do outro para o campo de força de um corpo faz com que este corpo se torne visível.

Veena Das diz também de um lidar com um luto que atravessa o cotidiano, e como nos dá, a vida não pára para você viver esta experiência. Tantos outros eventos cotidianos vão se acumulando e tantas outras necessidades precisam ser sanadas. No meu caso, o luto se conecta em muitas linhas com os das mulheres indianas por causa de seus maridos. Um luto pela morte do único filho, que ainda que tivesse hidrocefalia, ocorreu de forma abrupta, inesperada. Um luto enquanto ele estava com morte encefálica e aguardava os inúmeros testes para verificar se os aparelhos realmente seriam desligados. Já a morte do meu pai foi anunciada. Vivemos um luto preparado com a doença do pai idoso, diante do enfrentamento de um câncer que já se anunciou em metástase. Essas experiências não me tornaram uma pessoa melhor, elas apenas conformam o modo como eu ocupo o mundo e dou conta do meu cotidiano sendo pai e filho as duas pessoas mais importantes e referenciais da minha vida.

E aí, para trazer à cena um pouco mais de Conceição Evaristo, leio mais trecho de A roda dos não ausentes:

E da história que me resta
Estilhaçados sons esculpem
Partes de uma música inteira
Traço então a nossa roda gira-gira
Em que os de ontem, os de hoje

E os de amanhã se reconhecem

Nos pedaços uns dos outros.

Inteiros

Sônia Pessoa: Camila, ainda em relação aos testemunhos, quando nos deparamos com sujeitos em situação de vulnerabilidade, em especial as pessoas com deficiência, como trazer a tona esse relato que parte de uma materialidade sensível, no caso o corpo, que sente as afetações dos deslocamentos, das mobilidades e imobilidades e dos encontros?

Ao espaço são caros os vetores de direção, velocidade e tempo, pois nele se desdobra o conjunto de movimentos que o constituem como tal. Podemos dizer que o espaço é, em si mesmo, o efeito daquilo que nele age, ele é produzido nas próprias operações que o orientam, sendo, portanto, praticado. Podemos notar que o corpo está plenamente implicado nessa definição de espaço, que pressupõe como temporalidade o instante do ato. Ao que nos parece, a animação do lugar pode ser compreendida por uma atualização momentânea de sua potência e que, necessariamente, tem o corpo como agente. Soma-se a isso o fato de que, contemporaneamente, esse corpo ganha novas dimensões ao habitar o espaço aumentado (MANOVICH, 2007).

Não há mobilidade sem imobilidade, desterritorialização sem territorialização, movimento sem “amarração” - ou *moorings*, do original em inglês de Urry (2007). A mobilidade não pode ser descrita sem as amarrações espaciais, infraestruturais e institucionais que configuram e habilitam a mobilidade.

Os meios de transporte e de comunicação, incluindo aí os novos dispositivos móveis, implicam em mobilidades constringidas por imobilidades

infraestruturais e dificuldades de acesso e de deslocamento. A mobilidade de uns se dá também em função da imobilidade de outros, já que existem diferentes graus de mobilidade que expressam diferentes poderes e controles contemporâneos. (LEMOS, 2009)

De acordo com Urry, cada movimento é sempre acompanhado de riscos e, no cenário atual de mudanças ambientais globais, têm importância crescente as restrições ambientais impostas à mobilidade. No que se refere à Covid-19, é preciso dizer que o vírus, dentre outras características que lhes são inerentes, teve a sua potencialidade de contágio ampliada justamente pela alta circulação de pessoas pelo planeta. Sendo assim, a pandemia e o distanciamento social - adotado como medida para conter a transmissão do vírus - nos fez pensar ainda mais sobre as dinâmicas de mobilidade e imobilidade. Inicialmente, em relação ao movimento de pessoas nos ambientes físicos numa relação local - global e a fragilidade desse corpo que se coloca em movimento (URRY, 2007). Depois, a circulação por meio das redes digitais online, levaram-nos a reflexões acerca da mobilidade que já não podia mais se fazer nos espaços físicos e que, por conseguinte, passou a acontecer, quase que exclusivamente, nos ambientes digitais, onde os sujeitos poderiam se deslocar em forma de fluxos e interações. Vale destacar que a ida para os ambientes digitais não ocorreu de forma igualitária, mas deu-se a partir de assimetrias já existentes na sociedade.

Quando incorporamos o movimento às análises desenvolvidas no campo das ciências sociais e humanas, percebemos ganhos não apenas teóricos, mas também metodológicos.

Sabemos que não há pesquisa, nem ciência social sem teoria, mas, ao mesmo tempo, que uma análise empírica permite (ou pode) se descortinar novas maneiras de se compreender a relação entre teoria, observação e

participação. Ela engendra novos tipos de entidades pesquisáveis e um novo ou redescoberto campo empírico, além disso, abre novos caminhos para a análise crítica.” (BÜSCHER, URRY, 2009, p. 99)

Mônica Büscher e John Urry (2009) destacam que, além de retificar os estudos, até certo ponto negligenciados, do movimento diverso de pessoas, objetos, informação e ideias, o paradigma da mobilidade propõe, em certa medida, uma transformação na teoria social ao sugerir um cenário teórico e metodológico que nos permite compreender tais fenômenos.

Nesse sentido, o que se percebe é que nesse cenário - em que se apresentam os fenômenos da mobilidade - é possível revisitar teorias e metodologias que possuem um forte poder explicativo, mas que, por si, não é completo e, assim sendo, vão permitindo/demandando a introdução de novos elementos em busca de uma compreensão mais ampla desses fenômenos.

O desafio proposto está em perceber a mobilidade não apenas como um fenômeno, mas também como uma oportunidade para se remodelar as metodologias e as técnicas de pesquisa para lidar com aquilo que é “fugaz, fragmentado, múltiplo, não-causal, sensorial, emocional e sinestésico”. (BÜSCHER; URRY, 2009)

Phellipy Jácome: Quais noções éticas e hospitaleiras podem ser objeto de reflexão no registro e na apresentação dos testemunhos na pesquisa científica?

Sônia Pessoa: Eu vou tentar acionar aqui algumas relações com pensadores que me parecem importantes para pensarmos as relações éticas da pesquisa científica, se não trataram especificamente do testemunho, eu me permito trazê-los comigo para este pensar. Mendonça e Moriceau (2016) ressaltam a importância de uma

aproximação em pesquisa sustentada no vivenciar, um “banho experiencial”, que propicie à pessoa pesquisadora um encontro profundo com a concretude, capaz de inspirar reflexões e escrituras que dêem conta desses encontros com o comum e, simultaneamente, no coletivo e no singular.

Neste sentido, Martino e Marques (2019, s/p) nos lembram a necessária articulação proposta por Levinas, entre a experiência da alteridade, a ética e o conhecimento, afastando-se de discussões deontológicas e normativas sobre ética.

Uma das perspectivas de Lévinas é colocar a ética como fundamento primeiro de toda filosofia, anterior mesmo ao ato cognoscitivo. O estabelecimento da relação ética se dá, recorda o filósofo, antes mesmo de qualquer tipo de conhecimento, na medida em que isso já se apresenta, em si, como uma alteridade. O imperativo ético de Lévinas, nesse sentido, se diferencia das éticas propostas antes dele, como a de Aristóteles, Kant e Hegel, por seu caráter não necessariamente normativo ou deontológico, mas enquanto ponto de partida da relação – a alteridade, neste caso, tem início com o próprio conhecimento ao se apresentar como um outro daquele que conhece.

No âmbito da relação com a alteridade em seu aspecto humano, esse conhecimento do outro instaura uma relação necessária de abertura de si mesmo para se deixar experienciar na relação com o outro. O ato de comunicar se apresenta, neste momento, como ação ética, na medida em que não existe comunicação sem a pressuposição de uma alteridade com a qual se estabelece um contato com a diferença, deixando-se afetar por ela. (MARTINO e Marques, 2019, s/p).

E vou aproveitar para retomar aqui um pensamento que estamos amadurecendo, Jean-Luc Moriceau, Carlos Mendonça, Ângela Marques e eu e que está em um texto nosso de apresentação da obra Afetos na pesquisa acadêmica, editada pelo Selo PPGCOM, disponível

gratuitamente no site da editora. É um trecho longo, mas vale tê-lo aqui para reflexões futuras:

Segundo Moriceau (2016, 2019), na pesquisa acadêmica com sujeitos é preciso pensar em outras formas de deixar o outro falar e de ser afetado por ele, que não podem ser contidas nos modos tradicionais da representação do conhecimento e dos resultados de pesquisa. Podemos, por exemplo, alternar entre a descrição dos afetos desencadeados pelo trabalho de campo e momentos de reflexividade, sem procurar representar a cultura estudada ou os sujeitos estudados por meio de seus enunciados. Para Moriceau (2014), a representação apresenta-se como distanciada da experiência, paralisa as dinâmicas, fixa os lugares, as posições, impõe uma perspectiva ou narrativa e atribui papel central ao autor/pesquisador. Nesse caso, há uma reflexão ética por trás da pesquisa que questiona o falar por ou em nome de, tentando construir uma possibilidade de o pesquisador falar com os seus pesquisados. Assim, pode-se construir o sentido de forma partilhada, não hierarquizada. Desloca-se o pesquisado do seu lugar de “objeto” de análise e constitui para ele um lugar de interlocutor, parceiro simétrico na construção da pesquisa (BENCHERKI, 2015; GOLDMAN, 2006; D’ALMEIDA; CARAYOL, 2014).

Nesse deslocamento, o pesquisador e a pesquisa se deixam afetar, transportar e transformar pelo que estudam (STEWART, 2007; FAVRET-SAADA, 1990). Se deixar afetar é deixar entrar em nós aquilo que estudamos e afetá-lo em troca. É provável que não sejamos mais os mesmos depois da pesquisa, pois não podemos nos isolar para examinar à distância os dados coletados. Ter uma experiência como essa não significa indolência do pesquisador, mas um contato autêntico, marcado pela vulnerabilidade e pelo encontro transformador com a alteridade (MACÉ, 2016).

Uma pesquisa que privilegia os afetos permite vários níveis de leitura e aponta a complexidade e riqueza da empiria. É preciso conferir aos atores pesquisados a maior parte da responsabilidade de confeccionar sua representação. O pesquisador deve aproximar-se de uma expressão mais bruta de suas falas e relatos, considerando a justeza de sua própria maneira

de se expressarem e contarem a si mesmos, sem esconder os paradoxos ou contradições nas falas. É importante não ficar buscando uma representação mais “adequada”, mas sim visar uma abertura a várias possibilidades de produzir sentido acerca das falas dos pesquisados, compartilhando com os leitores o trabalho de compreensão e de fabricação de seus próprios textos (STEWART, 2007; MORICEAU, 2014).

Uma abordagem afetiva da comunicação, nos diz Moriceau (2017, 2018, 2019), é uma crítica que nos leva ao coração da ambiguidade e da complexidade das situações que pesquisamos, nos exigindo uma postura ética e uma tomada de posição reflexiva e corajosa. Uma ética pessoal e coletiva que afeta nossas convicções ligadas à produção de saber e abala as certezas prefiguradas, nos levando a querer continuar a pensar sobre a pesquisa e seus sujeitos.(MORICEAU, 2020, p.14).

Sônia Pessoa: Phellipy, como podemos articular as reflexões temporais de Veena Das e a “força do local” em Milton Santos?

Phellipy Jácome: Acredito que um dos desafios mais potentes em se trabalhar esses dois autores em perspectiva é o de justamente poder recuperar, de um lado, as reflexões historicizantes sobre o espaço e, por outro, reconhecer a dimensão territorial das temporalidades. Como fizemos com Veena Das, acho importante apresentar também, ainda que brevemente, a trajetória de Milton Santos. Nascido no interior da Bahia em 1926, Santos foi um dos nomes mais importantes para a renovação dos estudos geográficos em todo mundo, sobretudo por sua ênfase em compreender, de maneira localizada e politicamente incidida, a noção de “espaço”. Menos do que somente uma grandeza física, o espaço é também um território de relações desiguais de poder, de conformações identitárias, de fluxos migratórios e de interação com as tecnologias. Santos sempre lutou por outras formas de relações humanas e por “outras globalizações”, ressaltando a necessidade de formas mais

democráticas que sejam capazes de questionar e superar um “pensamento único”, totalizante. É com base nessa premissa, que seu cotejamento com Veena Das nos parece pertinente e interessante. Nesse ponto, tentando traçar algum grau de coesão à questão proposta, gostaria também de pensar como o **corpo** pode ser um lugar muito potente para esse atravessamento entre espaço e tempo. Convém aqui convocar um poema da escritora belo-horizontina Ana Martins Marques. Em “História”, publicado em 2016 em razão do aniversário da autora, ela destaca:

Tenho 39 anos.
Meus dentes têm cerca de 7 anos a menos.
Meus seios têm cerca de 12 anos a menos.
Bem mais recentes são meus cabelos
e minhas unhas.
Pela manhã como um pão.
Ele tem uma história de 2 dias.
Ao sair do meu apartamento,
que tem cerca de 40 anos,
vestindo uma calça jeans de 4 anos
e uma camiseta de não mais que 3,
troco com meu vizinho
palavras de cerca de 800 anos
e piso sem querer numa poça
com 2 horas de história
desfazendo uma imagem
que viveu
alguns segundos.

Como podemos perceber, nosso próprio corpo é marcado por diversos estratos temporais coexistentes, mas que possuem densidades

muito diversas e que, juntos, vão perfazendo nossas identidades como sujeitos sociais. Essas corporeidades junto a “palavras de 800 anos” guardam relações, resistências, imposições, negações e possibilidades de existência. Nesse sentido, tanto Santos quanto Vas produzem, a partir de localidades bem distintas, críticas potentes em relação a o que, grosso modo, poderíamos chamar de modernidade eurocentrada.

Vivemos, pelo menos desde 1492, num regime de poder relativamente novo e que foi capaz de modificar pela primeira vez numa escala global, relações temporais, espaciais e corpóreas. Como apontam diversas autoras e autores do chamado “giro decolonial” (QUIJANO, 2005; SEGATO, 2021; DUSSEL, 1993), a modernidade-colonialidade eurocentrada gerou uma série de cisões binárias que representam uma verdadeira pedagogia da exterioridade. Assim, criou-se como antônimos irreconciliáveis relações como: alma x corpo; tradição x modernidade; vencidos x vencedores; arcaicos x modernos; razão x emoção; empírico x abstrato; maravilhoso x científico; velho mundo (lugar de conhecimento) x novo mundo (lugar de exploração). Há, nesse sentido fundador de uma episteme moderna um forte apagamento das relações de alteridade responsáveis por gerar epistemicídios e aniquilação de sujeitos, além da criação de certos juízos de identidade que, a muito custo, puderam ser transformados em declarações de identidade. Assim, relações baseadas em critérios raciais e misóginos são uma espécie de sombra responsável por possibilitar as luzes do mito da modernidade. Por isso, é importante refletirmos sobre as possibilidades de reparação e também sobre as consequências dessa colisão entre mundos que geraram a fissura colonial.

É dessa premissa particular que pensamos na articulação entre os escritos de Das e de Santos. Em *Vida e Palavra* ao abordar

acontecimentos catastróficos, a autora indiana busca entender não a ruptura provocada por um determinado evento, mas sim como pensar a trama desse evento à vida cotidiana. Desse modo, o corpo adquire uma centralidade para pensarmos tempo e espaço, na medida em que para Veena Das, os sujeitos não pertencem ao mundo, mas são antes, o limite do mundo. Por isso é importante perguntar-nos não em que condições um sujeito possui experiências, mas que sujeito (em que espaço e em que tempo) são condições para a experiência temporal e espacial, reconhecendo-se assim, uma multiplicidade de espacialidades e de temporalidades.

De uma perspectiva ao mesmo tempo diferente e complementar, Milton Santos critica severamente o que denomina como “globalitarismo”, isto é, a tentativa de universalização de experiências e a imposição de uma suposta homogeneidade a partir de práticas colonizadoras que tem no capital financeiro seu principal fim e instrumento. Nesse sentido, o autor brasileiro busca reconhecer a força da localidade, perguntando-se o que significa o mundo global visto daqui, isto é, de países periféricos cujas consequências da “globalização” são tão distintas e severas daquelas vividas e refletidas pelo norte. Assim, Santos propõe que o mundo é o que vemos de onde estamos, advogando para uma perspectiva de soluções que contemplem novos laços comunitários para que, a partir de um princípio da esperança, também possamos imaginar diversamente o mundo como ele poderia ser.

Phellipy Jácome: Partindo da noção de comunicar como "pôr em comum", Milton Santos nos fala das relações de copresença que se dão a partir da conformação das relações nos lugares, sendo assim, Camila, quais seriam os impactos e reverberações dessas relações de

copresença mediadas pelo espaço de fluxos e diante do isolamento social, provocado pela pandemia de Covid-19?

Camila: A copresença é um conceito sociológico que busca dar conta das múltiplas implicações e afetações que advém do nosso contato com outros sujeitos nos nossos processos de interação social. Inicialmente, a ideia de copresença estava atrelada à proximidade física de outras pessoas, assumindo-a como uma condição objetiva e dada. No entanto, a intensa presença de mediações tecnológicas no nosso cotidiano, permeando atividades e processos de interação diversos, passa a tensionar as noções mais clássicas de copresença, admitindo-se, portanto, as influências de presenças mediadas. Ao nos determos um pouco mais nesse conceito, percebemos que estamos, quase sempre, rodeados de presenças-ausências, pois, em certa medida, a própria relação que temos com objetos e mediações comunicacionais (livros, filmes, músicas) nos colocam numa situação de envolvimento mútuo com alguém que não está numa relação de proximidade física conosco.

Sendo assim, a copresença não seria algo novo, mas, quem sabe, algo que ganha novas roupagens, principalmente, diante da pulverização de dispositivos móveis em rede que intensificam presenças-ausências em nosso cotidiano. Nesse cenário complexo e diverso, que compõe a paisagem comunicacional contemporânea, destacamos as interações que se configuram a partir dessa “aparelhagem tecnocrônica multiplicadora” (SANTOS, 2003). No que concerne a essas interações, inicialmente, podemos dizer que há uma combinação entre interações face a face e interações “sociais mediatizadas” (BRAGA, 2001). Na primeira, conforme salienta Pellegrino (2007), a interação baseia-se na copresença física, no

contexto comum e num amplo conjunto de formas simbólicas compartilhadas.

Já as interações “sociais mediatizadas”, diferentemente das primeiras, caracterizam-se pela existência de uma “produção objetivada e durável, que viabiliza uma comunicação diferida no tempo e no espaço, e permite a ampliação numérica e a diversificação dos interlocutores” (BRAGA, 2001, p. 119). Tal conceituação leva o autor a propor um modelo de interatividade diferido/difuso, que tem como ponto de partida a constatação de que grande parte das “falas” e “conversas” na sociedade acontece em tempos e espaços distintos, gerando copresenças em espaços e temporalidades distintos.

Porém, a intensa presença de mediações tecnológicas em nosso cotidiano, por exemplo os smartphones, tablets e outros equipamentos, demandam uma reflexão acerca da necessidade de simultaneidade nas interações. Apesar de o modelo de interatividade diferido também se fazer presente nas interações por meio desses equipamentos (mensagens de texto, e-mails e aplicativos de redes sociais), há uma demanda inerente por sincronidade, disposição imediata para interagir. Portanto, as formas com as quais lidamos com essas mediações nos colocam em situações desafiadoras e com as quais não temos muito controle.

Os dispositivos móveis (smartphones, tablets e notebooks), equipamentos mais emblemáticos desse cenário, são incorporados por nós, muitas vezes, na tentativa de sermos mais produtivos, realizando uma microcoordenação da nossa vida cotidiana (LING, 2004; KATZ & AAKHUS, 2002). No entanto, há um cansaço e um excesso que nos escapa e que talvez possa se explicar pelo que a neurocientista Linda Stone (2009) chamou de “atenção parcial contínua”. Sim, nós, seres humanos,

podemos até lidar bem com o comportamento multitarefa (BARON, 2008), pois ele é comum em atividades corriqueiras que realizamos, no entanto, a questão trazida aqui e num contexto de isolamento social, vivido durante a pandemia de Covid-19 é o fato de parte significativa das nossas interações acontecerem a todo o momento, irrompendo nas nossas atividades cotidianas e a demanda cognitiva e emocional dessas interações é outra, causando em nós uma sensação desconfortável. Para Stone (2009) e Rose (2010), o que acontece no plano das interações sociais não se enquadra no conceito de multitarefa, mas, sim, no da atenção parcial contínua, no qual realizamos um constante reposicionamento de prioridades. Vamos integrando as copresenças mediadas que as interações nos demandam com a falsa sensação de que realizamos as atividades em paralelo, porém, nosso cérebro as processa de maneira seriada e, em especial, buscando varrer os dispositivos móveis em busca de sinais (alertas, mensagens) de interações que estão à nossa espera ou nos convocando. Para a autora, essa situação seria ainda mais nociva, pois nos colocaria em estado de alerta, desencadeando situações de estresse e esgotamento.

Se no ambiente presencial, os alertas e as notificações constantes dos celulares já disputavam a atenção na sala de aula, no ambiente remoto, isso certamente se deu de forma mais frequente pois, a própria configuração em múltiplas janelas dos ambientes digitais, são um convite para a realização de várias atividades simultaneamente. Entre crises de autoestima, uma falsa sensação de produtividade e um real esgotamento, carimbamos a nossa não-certidão de nativos digitais. Talvez, a nossa memória analógica ainda insista em nos fazer buscar vivências que se desdobram no espaço de lugares (SANTOS, 2003) e

dentro de uma temporalidade cronológica onde, tradicionalmente, se desenrolam as atividades humanas.

Camila Mantovani: Como pensar conceitos de pesquisa a partir da mobilidade para não cairmos num congelamento universalizante, Phellipy?

Phellipy Jácome: Mais que conceitos específicos para as pesquisas, me parece importante refletir sobre o próprio desejo de investigar. Muitas vezes, quando entramos numa pesquisa em nível de pós-graduação sentimos um enorme peso em relação à necessidade de publicações, a um certo senso de produtivismo e a um desejo de rapidez que pode ser bastante contraproducente em termos pessoais e científicos.

Nesse sentido, por mais paradoxal que possa parecer em nossas sociedades do cansaço e do capitalismo, Santos propõe a ideia de “lentidão” como uma virtude. No lugar da pressa hegemônica dos grandes centros urbanos, da imposição das tecnologias que nos deixam conectados num fluxo sem fim, é razoável pensar que certos processos da vida nos exigem tempo: não o tempo da aceleração e pressa hegemônico, do reforço negativo do “cumprimento de prazos”, mas uma temporalidade alargada, uma lentidão que também pode ser vista como uma forma de resistência.

Desse modo, Santos inverte a percepção do regime de valoração que percebe os mais fortes vivendo num tempo rápido enquanto os mais fracos vivenciaram num tempo lento. Para ele, a lentidão é uma possibilidade de resistência, de insistência como ação política que viabiliza a existência de certos corpos nesse regime temporal complexo. Ao refletir sobre os “corpos lentos”, o autor brasileiro faz referência sobretudo as pessoas que não teriam acesso à velocidade e à aceleração

do mundo globalizado. No entanto, perceber essa lentidão como uma forma de resistência não significa fazer uma apologia ou um elogio à pobreza, mas antes, ao reconhecimento das possibilidades de sobrevivência, ainda que às margens. Além disso, significa, a nosso ver, incorporar (colocar em corpo) a questão das temporalidades, buscando eliminar a falsa sensação de que certos grupos sociais estariam ausentes da sua própria experiência.

Algo similar pode ser dito sobre os aportes de Veena Das. Ao propor a descida ao ordinário, a autora indiana recusa políticas que conduzem nossa vida para fora do cotidiano. Assim, faz uma defesa veemente da experiência como propulsora de conhecimento. Porém, como aponta, **“nosso impulso teórico, muitas vezes, é o de pensar a ação em termos de escapar do ordinário e não de descer a ele”**. Nesse sentido, há uma mudança significativa da própria reflexão ética do pesquisar, na medida em que não estamos falando de objetos estáticos ou de verdades coloniais, universais, já que a ideia de saber não seria suficiente para reconhecer o outro. Assim, mais do que a representação narrativa do tempo, interessaria, na perspectiva de Das, o seu trabalho de habitar o mundo. Por isso, nos parece importante indagar-nos sempre: o que me motiva a e ao pesquisar? Que afetos animam meu fazer científico? Quais são os meus desejos de transformação na e pela ciência?

Sônia Pessoa: Respondo a esta inquietação do Phellipy com os objetos afetivos que trouxe para a aula de hoje, como combinamos com a turma. O primeiro é um radinho de pilha, presente do meu pai, e a partir do qual ele ouvia os jogos de futebol do Atlético Mineiro. Meu pai e meu avô foram grandes incentivadores da minha formação intelectual, ainda na transição da infância para a juventude. Eles me apresentaram obras clássicas, teóricas, literatura e poesia. Não

censuraram nem determinaram o que eu iria ler. Simplesmente me davam de presente ou me permitiam pegar o que eu escolhia na estante. Assim se constituiu um hábito para a vida, que anos depois seria fundamental na atividade de pesquisa e de ensino. O rádio é um hábito de família do interior de Minas Gerais. Minha mãe, sempre nos momentos das atividades domésticas, liga o rádio até hoje para acompanhar as novidades da cidade, as orações, a prestação de serviços. Na adolescência eu escutava rádio até tarde da noite porque queria ouvir sobre o mundo, dormia todos os dias com o rádio ligado e em alto volume, o que provocava certas desavenças porque o meu pai acordava de madrugada com o barulho e ia desligá-lo, dia após dia, até se cansar de reclamar. O segundo objeto que eu trouxe para a aula é um boneco do Bob Esponja, que meu filho Pedro adorava. Certa vez ele me disse que gostava do Bob porque ele era diferente, em forma, já que tem o corpinho quadrado, em cor porque parece uma pessoa mas é bem amarelo, um amarelo vibrante, e porque é estranho perto dos demais. Talvez houvesse ali certa identificação, diferente, vibrante e estranha aos olhos dos outros. Se meu pai e meu avô me trouxeram formação intelectual, Pedro reforçou o meu gosto pelas minúcias do cotidiano, as singularidades das pessoas, a importância da experiência, o amadurecer do pensamento, a descoberta das afetações da vida profissional permeadas pelos afetos da vida pessoal, a indissociabilidade entre elas. Estão aí, simbolizados nestes objetos, que ficam na estante de livros no meu escritório, parte do que eu sou e parte do que levo para o meu trabalho. Os meus desejos de transformação na e pela ciência? Conceber uma produção científica que colabore para um mundo (olha que ousadia!!!!) mais acolhedor e hospitaleiro para todas as pessoas, em

especial para aquelas que se sentem à margem e cuja centralidade do existir nós precisamos compreender.

Camila: No exercício dos objetos afetivos, trouxe uma caixinha com várias pedrinhas que foram dadas a mim pelo meu avô, pai do meu pai. Meu avô adorava pedras e o irônico é que as pedras (na verdade, uma pedreira) foram motivos de muitas brigas na família dele... Na noite antes dele morrer, dois dias depois do meu aniversário de dez anos, ele me chamou em seu quarto e me entregou várias pedrinhas e disse que era para eu me lembrar dele. Carrego essas pedrinhas comigo, deixo na mesa de trabalho. Quando a gente estuda ciências no colégio, aprende que as pedras são os seres não vivos do ambiente, mas, para mim, as pedras são a memória da TERRA. Então, eu guardo as pedrinhas do meu vô, mas também "cato" e coleciono as minhas. E esse encanto com as pedras revelou-se para o meu filho mais novo, Pedro (risos). Agora, somos dois a "catar" e a guardar as pedras que encontramos por aí. Ao terminar de apresentar meu objeto, sigo para a varanda, onde guardo o teclado. Recém-estudante de música, arrisquei uma melodia para celebrar o encontro. A sensação de partilhar aquele momento com colegas e alunos foi, certamente, mais prazerosa e emocionante do que se seu real efeito com redes oscilantes, captação de som inadequada e outros tantos ruídos presentes no processo. Na minha mente (e coração) fechamos os olhos e juntos cantamos um hit dos anos 1980, cujo refrão é bastante conhecido diz: *"Uh, eu quero você como eu quero..."*

REFERÊNCIAS

BARON, Naomi S. Adjusting the Volume: Technology and Multitasking in Discourse Control. In: KATZ, James (org.). *Handbook of Mobile Communication Studies*, Cambridge, MA: MIT Press, 2008. p.177-193

- BRAGA, José Luiz. Interação & Recepção. In: FAUSTO, Antônio Neto (org.). *Interação e sentidos no Ciberespaço e na sociedade*. Porto Alegre: EDIPUCRIS, 2001. 234p.
- BÜSCHER, M., URRY, J. Mobile Methods and the empirical. *European Journal of Social Theory*. v. 12, n.1, p. 99-116, Fev. 2009.
- DAS, Veena. Vida e Palavras. A Violência e sua Descida ao Ordinário. São Paulo: Editora da Unifesp, 2020.
- DUSSEL, E. 1492: O encobrimento do outro (A origem do "mito" da Modernidade). Petrópolis: Vozes, 1993
- EVARISTO, Conceição. *Poemas da recordação e outros movimentos*. Rio de Janeiro: Malê, 2017.
- KATZ, J. E.; AAKHUS, M. (org.) *Perpetual Contact: Mobile Communication, Private Talk, Public Performance*. NY: Cambridge University Press. 2002, 391p.
- LACERDA, Paula & PARREIRAS, Carolina 2021. "Veena Das". In: *Enciclopédia de Antropologia*. São Paulo: Universidade de São Paulo, Departamento de Antropologia. Disponível em: <https://ea.fflch.usp.br/autor/veena-das>
- LING, Rich. *The mobile connection: The cell phone's impact on society*. San Francisco: Morgan Kaufmann, 2004. 244p.
- MARQUES, Ângela Cristina Salgueiro; PESSOA, Sônia Caldas; MENDONÇA, Carlos Magno Camargos. IN: Moriceau, Jean-Luc Afetos na pesquisa acadêmica [recurso eletrônico] / Jean--Luc Moriceau. – Belo Horizonte, MG: Fafich/Selo PPGCOM/UFMG, 2020.
- MORICEAU, Jean-Luc. Afetos na pesquisa acadêmica. Belo Horizonte: Selo PPGCOM, 2020. Disponível em: <https://seloppgcomufmg.com.br/wp-content/uploads/2019/05/AfetosJeanLuc10-1.pdf>.
- PELLEGRINO, Giuseppina. Discourses on Mobility and Technological Mediation: The Texture of Ubiquitous Interaction. *PsychNology Journal*, 2007, v.5, n. 1, p.59-81. Disponível em: <https://psycnet.apa.org/record/2007-07642-003>. Acesso em 24 abr 2023.
- QUIJANO, Anibal. Colonialidade do poder, eurocentrismo e América Latina. In: LANDER (org.) A colonialidade do saber: eurocentrismo e ciências sociais. Perspectivas latino-americanas. Colección Sur Sur, CLACSO, Ciudad Autónoma de Buenos Aires, Argentina: 2005. Pp.227-278.

- ROSE, Ellen. Continuous Partial Attention: Reconsidering the Role of Online Learning in the Age of Interruption. *Educational Technology*, vol. 50, no. 4, 2010, pp. 41–46. JSTOR, <http://www.jstor.org/stable/44429840>. Acesso em 20 abr 2023.
- SANTOS, Milton. *Por uma outra globalização: do pensamento único à consciência universal*. 10. ed. Rio de Janeiro: Record, 2003. 174p.
- SANTOS, Milton. *A natureza do espaço: técnica e tempo, razão e emoção*. 4. ed. São Paulo: EDUSP, 2008. 384p.
- SEGATO, Rita. 2021. Crítica da colonialidade em oito ensaios: e uma antropologia por demanda. Tradução: Danielli Jatobá e Danú Gontijo. Rio de Janeiro: Bazar do Tempo.
- SPARROW, Tom. *The Alphonso Lingis reader*. Minneapolis: University of Minnesota Press, 2018.
- STONE, Linda (2009). *Beyond Simple Multi-Tasking: Continuous Partial Attention*. Disponível em: <http://www.lindastone.net>. Acesso em 28 abr 2023.
- URRY, John. *Mobilities*. London: Routledge, 2007. 335p.

PARA NOVAS INCURSÕES EM AUTORAS E AUTORES AQUI CITADOS

- DAS, Veena, “Subaltern as perspective” In: Guha, Ranajit (ed.), *Subaltern Studies VI: Writings on South Asian History and Society*, Delhi, Oxford University Press, 1989
- DAS, Veena, *Critical events - an anthropological perspective on contemporary India*, Oxford University Press, Delhi, 1995
- DAS, Veena, *Life and words: violence and the descent into the ordinary*, University of California Press, Berkeley, Los Angeles, London, 2007 (Trad. Bras. Bruno Gambarotto. São Paulo, Editora da Universidade Federal de São Paulo, 2020)
- DAS, Veena, *Affliction: health, disease, poverty*, New York, Fordham University Press, 2015
- DAS, Veena, *Textures of the ordinary: doing Anthropology after Wittgenstein*, New York, Fordham University Press, 2020
- DAS, Veena & POOLE, Deborah (eds.), *Anthropology in the margins of the State*, School of American Research, Santa Fe, 2004

DAS, Veena, “Two plaits and a step in the world: a childhood remembered” In: Karlekar, Malavika & Mukherjee, Rudragshu (eds.), *Remembered childhood: essays in honour of André Bêteille*, Delhi, Oxford University Press, 2009

DAS, Veena, “Listening to voices: an interview with Veena Das”, Kim Turcot DiFruscia, *Alterités*, vol. 7, n. 1, 2010, p. 136-145, http://www.alterites.ca/vol7no1/pdf/71_TurcotDiFruscia_Das_2010.pdf

DAS, Veena. “Entre palavras e vidas: Um pensamento de encontro com margens, violências e sofrimentos”, Entrevista com Veena Das por Michel Misse, Alexandre Werneck, Patrícia Birman, Pedro Paulo Pereira, Gabriel Feltran & Paulo Malvasi, *Dilemas, Revista de Estudos de Conflito e Controle Social*, v. 5, n.2, 2012, p. 335-356, <https://revistas.ufrj.br/index.php/dilemas/article/view/7331>

PARA ESCUTAR E ASSISTIR

Podcast Teoria em Prosa com Carlos Mendonça <https://open.spotify.com/episode/53eUER9Oujk00QwKruYZbK>

Podcast Teoria em Prosa com Jean-Luc Moriceau <https://open.spotify.com/episode/4AWNHbb1xMFABPN14fBoc9>

Vídeo O conceito de desordem em Veena Das por Veena Das https://www.youtube.com/watch?v=_drdpggW51E

Live Flagelo dos corpos: a pandemia e o agravamento das precariedades, com Sônia Pessoa e Carlos Mendonça <https://www.youtube.com/watch?v=klid0eyeWDk>

Curso sobre Introdução ao Pensamento de Veena Das, pelo NUMAS - Núcleo de Estudos sobre Marcadores Sociais da Diferença, da USP: 01) <https://www.youtube.com/watch?v=8-u3wz9xPXE>, 02)